



Tragédia do Povo Krenak pela Morte do Rio Doce / Uatu, no Desastre da Samarco / Vale/ BHP, Brasil

Thiago Henrique Fiorott ¹
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti ²

RESUMO:

Em 2015 o Brasil presenciou o maior desastre ambiental de sua história – o rompimento da barragem de mineração da Samarco/Vale/ BHP, em Mariana-MG. Os impactos desta tragédia trouxeram prejuízos ambientais, sociais e econômicos. Um dos povos mais atingidos foram os Krenak - cujas terras encontram-se às margens do rio, o qual denominam *Uatu* (rio sagrado/rio grande/Rio Doce). O objetivo do artigo é descrever os impactos do rompimento da Barragem, os conflitos pelo uso da água e a sustentabilidade do povo Krenak. A pesquisa de natureza qualitativa, estudo de caso, utilizou dados primários e secundários. Os resultados demonstram que o desastre provocou a morte de peixes, e outros animais, importantes para a segurança alimentar tradicional Krenak. As famílias ficaram sem água potável, impossibilitando as atividades sociais, de educação, saúde, cultura, religião, economia e lazer. Na visão dos Krenak a principal consequência foi a morte do *Uatu*, subtraindo um importante elemento da sua identidade, territorialidade e sustentabilidade.

Palavras-chave: Desastre da Samarco/Vale/BHP; Rio Doce-*Uatu*; Sustentabilidade; Krenak.

¹ Mestrado profissional em andamento em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, UnB, Brasil. thf_1981@hotmail.com

² Doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, UnB, Brasil. Docente na Universidade de Brasília, UnB, Brasil. izabel.zaneti@yahoo.com

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

O rompimento da Barragem de Fundão da Mineradora Samarco/Vale/BHP Billiton, no município de Mariana-MG, em 2015 causou impactos trazendo prejuízos ambientais, sociais, econômicos, políticos, culturais e humanos. Suas consequências trouxeram pânico à população local, e desceram com a avalanche de lama ao longo dos municípios, povoados e terras indígenas da bacia do Rio Doce, com desdobramentos que só serão possíveis de serem mensurados definitivamente com o passar do tempo.

A barragem rompida, segundo o relatório preliminar do IBAMA (2015), continha 50 milhões de m³ (metros cúbicos) de rejeitos de mineração de ferro. Destes, 34 milhões de m³ (metros cúbicos) foram lançados no meio ambiente, e 16 milhões restantes continuaram sendo carregados, aos poucos, e em direção ao mar, no estado do Espírito Santo. Inicialmente, esse rejeito atingiu a barragem de Santarém logo a jusante de Fundão, causando seu galgamento e forçando a passagem de uma onda de lama por 55 km no rio Gualaxo do Norte até desaguar no rio do Carmo. Neste, os rejeitos percorreram outros 22 km até seu encontro com o Rio Doce. E foi através do curso deste importante rio, que a lama chegou a Terra Indígena (TI) Krenak, descendo posteriormente, rumo à foz, até o Oceano, alcançando o município de Linhares, no estado do Espírito Santo, em 21/11/2015 (onde também impactou os indígenas Tupiniquim e Guarani) totalizando 663,2 km de corpos hídricos diretamente impactados, e suas adjacências.

Ao longo de todo esse trajeto, vários foram os danos ao meio físico (solo, rios e outras fontes de água), ao meio biótico (fauna, flora), e ao socioeconômico, afetando as populações habitantes da região, a infraestrutura das cidades, distritos, comunidades e propriedades rurais, unidades de conservação, terras indígenas e territórios de outros povos tradicionais. Distritos inteiros foram soterrados pela avalanche de lamas, como Bento Rodrigues em Mariana-MG. Os impactos ainda estão em desenvolvimento, pois as consequências do desastre vão se revelando a cada dia com a percepção dos danos pelas populações atingidas e na medida em que estudos técnicos e acadêmicos vão sendo publicados. São danos que terão efeitos de longo prazo e muitos deles serão irreversíveis e de difícil gestão.

Os desastres são acontecimentos coletivos trágicos nos quais há perdas e danos súbitos e involuntários que desorganizam, de forma multidimensional e severa, as rotinas de vida (por vezes, o modo de vida) de uma dada coletividade[...] No caso brasileiro, remetem ao processo de vulnerabilização social que obstruiu recursos das vozes daqueles que estão em persistente fragilização ao passo que desresponsabiliza os sujeitos geradores dessas descompensações sociais (Zhourri et al. 2016 p. 36)

Um dos povos mais atingidos por esse desastre é também um dos que há mais tempo habita a bacia do rio Doce – os autodenominados *Borun* – remanescentes dos Botocudos, amplamente

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

conhecidos como Krenak, cujas terras encontram-se as margens desse rio, o qual denominam *Uatu*³. Tais terras colocam-se como importante instrumento para a gestão e conservação de recursos importantes não só (mas principalmente) para a reprodução física e cultural do povo Krenak, mas também a gestão das águas da Bacia do Rio Doce.

Nesse sentido esse artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa de mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais-MESPT, CDS/ UnB. O objetivo é descrever os impactos estabelecidos com o rompimento da Barragem de rejeitos da Mineradora Samarco/Vale e BHP, em Mariana/MG e a gestão de conflitos pela água e sustentabilidade do povo Krenak.

Impactos esses que trazem, conseqüentemente, diversos danos à gestão das águas necessárias aos Krenak para sua sustentabilidade, bem como para toda a população da Bacia do Rio Doce.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa de natureza qualitativa, estudo de caso, utilizou dados primários e secundários. Os dados primários foram obtidos por meio de história de vida e entrevistas com roteiro semiestruturado, grupo focal com roteiro definido, além de registros de falas e observação durante as diversas reuniões realizadas, sobre o caso. Foi realizado um roteiro dialogado com membros da comunidade no Território Tradicional reivindicado pelos mesmos – os Sete Salões⁴. Os dados secundários foram obtidos por meio da revisão de literatura acadêmica e indígena Krenak buscando a promoção do diálogo intercultural em todas as etapas da pesquisa.

Diante dessa proposição faz-se necessário retomar os fatos e condições relativas à tragédia do rompimento da barragem, suas possíveis causas e conseqüências, os impactos sobre a Bacia do Rio Doce, para, então se aprofundar em como os Krenak têm percebido os danos desse desastre à suas águas, sua terra e seu povo. Preliminarmente é importante destacar que a relação dos Krenak com o Rio Doce (*Uatu*) supera os conceitos ocidentais de relação – física, econômica e ambiental - com os elementos da natureza. Para eles o rio é um ente sagrado, com quem se relacionam, confiam, respeitam. O rio, ao longo de séculos de investidas colonizadoras e de interesse puramente econômico, sempre sustentou, guiou e orientou o povo Krenak, no seu caminho de resistência até os dias atuais.

³ *Uatu* (ou *Watu*) significa para os Krenak rio sagrado/rio grande/Rio Doce; é um dos principais elementos da identidade, da territorialidade, e da cosmologia Krenak. Neste texto a grafia do nome (*Uatu*), seguiu a forma como tem sido ensinada nas escolas indígenas da TI Krenak.

⁴ Os Krenak vivem em uma Terra Indígena (TI) demarcada aquém de seu território tradicional e necessário a sua reprodução física e cultural e por isso reivindicam a demarcação do Território dos Sete Salões (margem direita do rio Doce). Tal demarcação tornou-se ainda mais urgente com os impactos estabelecidos pelo desastre da Samarco/Vale/BHP.

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Os trechos das falas dos Krenak obtidas com informantes-chave da comunidade no ano de 2016, registradas durante a pesquisa, são apresentadas ao longo do presente artigo. Os entrevistados foram identificados com códigos de acordo com a sequência da realização da entrevista (Entrevista 01 a 06). Tais trechos demonstram os graves impactos que os Krenak vêm sofrendo desde o desastre da Samarco/Vale/BHP.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

TRAGÉDIA ANUNCIADA: ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS RELACIONADOS AO DESASTRE

O Desastre do Rompimento da Barragem da Samarco/Vale/BHP não foi um evento isolado na história da mineração no Brasil. Há uma recorrência de incidentes de variados portes no processo de mineração, o que revela problemas que vão desde o modelo de consumo da sociedade atual (altamente minério-dependente), o modelo de desenvolvimento e posicionamento adotado pelo país na economia mundial, a deficiência na gestão dos processos de licenciamento ambiental e fiscalização das barragens de rejeitos. Também revela problemas técnicos ou omissão da empresa Samarco/Vale/BHP- nos quesitos de segurança para evitar rompimentos e acidentes, e, ainda as diretrizes estratégicas por ela adotadas de abrupta ampliação da produção em momentos de crise do mercado, objetivando manter os níveis lucrativos de seus acionistas. Mostra ainda a ausência ou ineficiência de planos de contingência efetivos para lidar com a ocorrência deste tipo de desastre. Ou seja, estivemos diante de um evento de múltiplas causas (Freitas et al. 2016).

É importante frisar que desde 2013, já havia recomendação do MPF, baseada em perícia realizada na barragem rompida, para que houvesse o periódico e sistemático monitoramento dos diques e da barragem e que fosse implementado um plano de contingência para as situações de risco ou acidente. Desta forma, Zhou et al (2016), alerta que “*classificar o evento como desastre tecnológico (em que seria atribuído ao todo ou em partes a uma intenção humana, erro, negligência, ou resultado de uma falha de um sistema humano) resultando em danos - ou ferimentos - significativos ou mortes*”, a partir de uma interpretação enviesada por parte do Estado, posiciona a Samarco/Vale/BHP (responsável [is] pela tragédia) como uma das demais vítimas das circunstâncias, o que não tem lugar na realidade, uma vez que já se sabia dos riscos e medidas a serem adotadas para segurança, o que não fora devidamente realizado por parte da empresa.

Embora várias hipóteses tentem explicar as causas do maior desastre em quantidade de material lançado no ambiente, extensão, número de mortes e atingidos já registrado na história da mineração do Brasil, é extremamente importante compreender os aspectos econômicos e políticos

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

ligados ao cerne desta tragédia. Segundo o relatório do grupo PoEmas⁵ (2015), o rompimento da Barragem de Fundão caminha para se tornar um símbolo do fim do “megaciclo de *commodities*”⁶ e, em particular, a forma como o Brasil se inseriu nele. O grupo aponta que a crescente demanda por minério recaiu sobre poucos países e regiões no mundo, tendo o Brasil se colocado como o segundo fornecedor desta matéria prima; destaca ainda que o minério de ferro corresponde a 92% de todo o minério exportado pelo Brasil. Ou seja, a própria economia Brasileira tornou-se dependente dessa exportação.

Por fim, conforme noticiado pela mídia⁷, a Polícia Federal concluiu inquérito sobre o desastre da Barragem, em meados de 2016, e detalhou as causas que contribuíram para o rompimento de Fundão. Segundo o delegado responsável pelas investigações, a Samarco assumiu o risco e privilegiou o lucro em detrimento da segurança. A empresa estava ciente de diversas falhas que a estrutura apresentava. A polícia Federal comprovou os crimes, já que a barragem de Fundão estava sendo utilizada de uma forma inadequada, acima da sua capacidade. Ela apresentava problemas desde sua construção, com utilização de material de baixa qualidade, depois, modificações sem projeto, e consequentemente sem a devida fiscalização dos órgãos ambientais, problemas de drenagem, entre outros.

IMPACTOS DO DESASTRE SOBRE A BACIA DO RIO DOCE

Segundo informações disponibilizadas no site do IBAMA⁸, o laudo técnico concluído em 26 de novembro de 2015, aponta que “o nível de impacto foi tão profundo e perverso ao longo de diversos estratos ecológicos que é impossível estimarem um prazo de retorno da fauna ao local”. O desastre causou a destruição da cobertura vegetal, incluindo Áreas de Preservação Permanente (APPs). Dezenove pessoas morreram na tragédia. Foram identificados ao longo do trecho atingido diversos danos socioambientais: isolamento de áreas habitadas; desalojamento de comunidades pela destruição de moradias e estruturas urbanas; fragmentação de habitats; destruição de áreas de preservação permanente e vegetação nativa; mortandade de animais domésticos, silvestres e de produção; restrições à pesca; dizimação de fauna aquática silvestre em período de defeso; dificuldade de geração de energia elétrica pelas usinas atingidas; alteração na qualidade e quantidade de água; e sensação de perigo e desamparo da população em diversos níveis.

⁵ Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS).

⁶ O megaciclo pode ser associado ao período entre 2003 e 2013 quando as importações globais de minério saltaram de US\$ 38 bilhões para US\$ 227 bilhões (um aumento de 630%). Em particular quando a tonelada de minério de ferro passou de US\$ 32 (jan./2013) ao pico de US\$ 196 (abr.2008) e, a partir de 2011, iniciou uma tendência de queda, chegando a US\$53 (out./2015). (Wanderley. IJ et. al. 2016 p.30).

⁷ < <http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/06/pf-conclui-inquerito-da-tragedia-de-mariana-e-indicia-8-pessoas.html>.> (Acesso em 25/01/2017)

⁸ < <http://www.ibama.gov.br/informes/rompimento-da-barragem-de-fundao>.> Acesso em 02/02/2017.

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Dentre os principais impactos ambientais destaca-se a degradação da qualidade do solo, com comprometimento da infiltração da qualidade da água, perda da vida microbiana, da fertilidade, aumento dos processos erosivos, com conseqüente assoreamento e contaminação dos rios ao longo de toda a bacia do rio Doce, incluindo o oceano atlântico. Toda a cadeia trófica do rio Doce foi contaminada com metais pesados como alumínio, níquel, cádmio, cobre, cromo, manganês, arsênio, chumbo, mercúrio, alguns destes em níveis 1000 vezes acima dos permitidos pela legislação. (Freitas et al. 2016)

Análises de bioacumulação em peixes (roncador, linguado e peroá) e crustáceos (camarão rosa e sete barbas) apresentaram níveis de metais como chumbo, cádmio, manganês e arsênio acima do estabelecido pela legislação ambiental. Em 75% das amostras de camarão rosa e em 100% das amostras analisadas de peroá foram constatados níveis elevados de arsênio, segundo o relatório apresentado pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). Morreram e/ou foram contaminados diversos outros animais como anfíbios, répteis, aves, animais de grande porte - silvestres e domésticos. Foram danificados 1.587 hectares de cobertura vegetal, quilômetros de mata ciliar e nascentes soterradas pela lama, cursos e fluxos d'água foram danificados e soterrados. (ICMBio 2016)

No que tange às terras e povos indígenas os primeiros impactados foram o povo Krenak, que tem sua terra nas margens do Rio Doce. Ao chegar ao oceano, a lama levou suas conseqüências aos povos Tupiniquim e Guarani, em três terras indígenas no Espírito Santo: Tupiniquim/Guarani, Comboios e Caeiras Velhas II. Outros povos presentes na bacia do Rio Doce, como os Pataxó - que vivem nos municípios de Carmésia, Açucena, Guanhões e algumas famílias no distrito de Pontal em Governador Valadares -, além do Povo Mocuriñ em Campanário, como toda a população da bacia foram de alguma forma afetados; as possíveis especificidades dos impactos a esses últimos citados ainda não foram dimensionadas.

OS IMPACTOS DO DESASTRE SOBRE AS ÁGUAS E SOBRE A SUSTENTABILIDADE - A GESTÃO DE CONFLITOS NA VISÃO DOS KRENAK

- RECONSTRUINDO OS FATOS DESDE O DESASTRE

A cena era de luto e revolta na TI Krenak nos dias subsequentes ao rompimento da barragem: homens, mulheres, crianças e anciãos choravam à beira do *Uatu*, realizando o seu ritual fúnebre (pois na concepção Krenak o rio fora morto) e não acreditando na enxurrada de peixes e animais mortos que desciam precedendo a avalanche de lamas que ainda estava escoando lentamente e passaria pelo território sagrado *Borun* (Foto 1).

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Foto 1. Enxurrada de peixes mortos no Rio Doce, no território Krenak, após o despejo da lama de rejeitos no *Uatu*.



Fonte: Arquivo pessoal de Sebastião Rodrigues da Cunha Filho – servidor da Funai - cedida ao autor (2015)

Após diversas tentativas frustradas de diálogo por parte dos Krenak para com as empresas responsáveis, para que se procedessem às ações emergenciais básicas e vitais em sua aldeia (como distribuição de água para beber), os Krenak paralisaram a Estrada de Ferro Vitória Minas – de propriedade da Vale, que corta ao meio seu território tradicional trazendo para o grupo, diversos outros impactos ainda não compensados – como forma de chamar a atenção dos empreendedores, do governo e da sociedade sobre o drama que vinham passando. Após essa ação e dias de negociação foi estabelecido um acordo emergencial entre os Krenak e a Vale, que assumira a responsabilidade pelas ações decorrentes do desastre para com os Krenak.

O acordo emergencial trouxe em seu escopo ações relacionadas principalmente à disponibilização de água (para beber e outros usos), medidas relativas à manutenção do projeto de pecuária leiteira, auxílio financeiro emergencial às famílias, aquisição de duas embarcações e apoio emergencial as questões de saúde. A assinatura do termo emergencial não pôs fim aos problemas, pois os danos do desastre ainda continuam sendo revelados. Inclusive ajustes às ações acordadas tiveram

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

que ser (e ainda estão sendo) implementadas ao longo do monitoramento das mesmas. Algumas medidas não estão sendo executadas; exemplo disso pode ser verificado na fala dos entrevistados ao queixar-se da falta de abastecimento de água, em dias de chuva na região (foto 2):

Quanto as ações emergenciais, está sendo cumprido em partes, olha a estrada como é que tá, tá complicado, tem dia que fica dois três dias sem ter água por conta da estrada. (Entrevista 01 2016)

Foto 2. Caminhão pipa impedido de transitar na TI Krenak devido às chuvas.



Fonte: Thiago Fiorott (2016)

Após o desastre o Governo de Minas publicou, no dia 20 de novembro de 2015, o Decreto nº 46.892/2015, que instalou uma Força-Tarefa para avaliação dos efeitos e desdobramentos do rompimento das Barragens de Fundão e Santarém, localizadas no subdistrito de Bento Rodrigues, no Município de Mariana. Os trabalhos reuniram representantes de órgãos e entidades da União, do Estado e de municípios afetados, e foram coordenados pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional de Política Urbana e Gestão Metropolitana – SEDRU (Força Tarefa/MG 2016).

O relatório apresentado por tal grupo, foi utilizado como um dos documentos que embasou a assinatura de um Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC) entre os governos supracitados, a Samarco, a Vale e a BHP. Aos movimentos sociais, e aos atingidos pelo desastre foi relegado em alguns momentos apenas a escuta quanto aos danos, mas não lhes foi dada a oportunidade de participação na construção e assinatura do TTAC, o que ensejou diversas críticas à medida. Com ele se pretende ações em diversas áreas de gestão das águas e da Bacia do Rio Doce, e de recuperação dos

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

espaços afetados e da vida das pessoas e comunidades, o que determina a necessidade de participação social.

O acordo (TTAC), que cria o Comitê Interfederativo (CIF)⁹ e a Fundação Renova¹⁰, traz uma subseção que trata da questão dos povos indígenas. Trata-se da Subseção 1.3 - *Programa de proteção e recuperação da qualidade de vida dos povos indígenas* – que garante a continuidade das ações emergenciais e determina a realização de estudos de impactos do desastre por equipe multidisciplinar e a elaboração de um plano de ação permanente para compensação e indenização dos indígenas.

No que diz respeito ao atendimento das cláusulas do TTAC, a manutenção das ações acordadas emergencialmente continuam acontecendo, ainda que algumas vezes, apresentando problemas. Foi elaborado pela Funai, em conjunto com os indígenas, um termo de referência, para fins de contratação de uma consultoria, pelas empresas Vale/Samarco/BHP, para estudo dos impactos do desastre sobre a vida dos indígenas e a construção do Plano de Ação Permanente. Tal estudo ainda está por se iniciar.

O Ministro do Meio ambiente, após articulação dos indígenas em Brasília, propôs que fosse criada uma Câmara Técnica sobre a questão indígena no âmbito do Comitê Interfederativo. Essa câmara técnica ainda está em fase de instalação, devido a dificuldade de operacionalização, por parte do governo, especialmente porque a Funai tem tido seus recursos sistematicamente reduzidos pelo governo Federal, o que coloca em risco a proteção dos povos indígenas em diversas áreas, sobretudo em sua defesa diante das consequências do maior desastre ambiental da história do Brasil. Outro ponto importante é que os Krenak entenderam como não suficiente a criação da Câmara Técnica, para suprir sua necessidade de participação nos espaços de deliberação relativos ao desastre.

• IMPACTOS SOBRE A ÁGUA PARA OS KRENAK

Um dos primeiros impactos sofridos para os Krenak foi a supressão e inviabilidade da principal fonte de dessedentação humana e animal na TI, o próprio Rio Doce. O abastecimento na aldeia já era um problema grave que se complicou com o desastre. Mesmo que diversas ações, tentando resolver a questão da distribuição da água já tenham sido realizadas, essas também apresentam falhas e dificuldades e não atendem a demanda de todos na aldeia, considerando que muitas famílias dependiam

⁹ * O Comitê Interfederativo (CIF) foi criado em resposta ao desastre provocado pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, em 05/11/2015, no município de Mariana (MG). Sua função é orientar e validar os atos da Fundação Renova. O CIF é presidido pelo IBAMA e composto por representantes da União, dos governos de Minas Gerais e do Espírito Santo, dos municípios impactados e do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce.

¹⁰ ** Fundação Renova, instituída pela Samarco e suas acionistas, Vale e BHP Billiton, para gerir e executar as medidas de recuperação dos danos resultantes da tragédia.

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

de água do Rio Doce, em especial as que residem nas margens do Rio, conforme entrevista: “*A comunidade toda aqui bebia e usava água do rio... desde menino, botava água na talha, no filtro pra gente tomar, depois que a FUNASA canalizou a água mas nunca deu conta pra abastecer todo mundo, então a comunidade sempre usou a água do rio.*” (Entrevista 02 2016)

Em trecho da história de vida de uma das anciãs Krenak entrevistadas, ela lamenta a falta de água e a perda da autonomia para a dessedentação: “*(...) eu ia lá no rio beber água, agora só água engarrafada. Cadê a água boa? Agora essa que trazem aí com mais cloro do que tudo. Agora esse barro, está maltratando nós, acabou!*” (Entrevista 03 2016)

Após o desastre toda água consumida na TI Krenak está sendo levada de fora, em caminhões pipa e vasilhames plásticos pela Vale, conforme restou acertado no acordo emergencial. Essa é uma atividade que produz outros impactos como a excessiva circulação de veículos pesados e pessoas estranhas na aldeia, além do extremo acúmulo de resíduos sólidos provenientes das garrafas *pet* de água mineral, distribuídas. Além disso, como a ação é extremamente dependente das condições das estradas, em vários dias de chuva, os Krenak ficaram sem água pra sua dessedentação, e para outros usos, inclusive para os animais. Já nos dias de sol a poeira produzida pelo intenso tráfego de caminhões tem gerado o aumento dos problemas respiratórios na aldeia.

Um dos entrevistados apresenta uma das possíveis soluções: “*(...) O único meio é só o outro lado do Rio, no território do Sete Salões que tem água. Se quisermos tomar água boa mesmo é lá.*” (Entrevista 02 2016)

A demarcação dos Sete Salões, conforme relatou o entrevistado pode garantir aos Krenak acesso a fontes de água limpa e potável, sendo essa, em conjunto a recuperação de nascentes da TI, importantes medidas estruturantes para enfrentar a situação de desabastecimento, sem prejuízo à perfuração de poços artesianos e distribuição para todos na aldeia.

- **IMPACTOS SOBRE A PESCA, A CAÇA E OS ARTESANATOS**

Os Krenak têm a pesca como atividade tradicional de sua etnia. O *Uatu* era o lugar de exercer essa atividade. Pescadores por excelência, mesmo buscando alternativas de renda desenvolvendo outras atividades, continuavam praticando a pesca como forma de assegurar alimento, obter renda e se socializar. Alguns Krenak se orgulham em identificar-se como pescadores profissionais. Conforme os relatos colhidos e a vivência proporcionada pelo trabalho junto à etnia, sabe-se que essa era uma atividade inerente a todos na aldeia. Em entrevista de história de vida com um dos pescadores da aldeia, o mesmo relata os impactos do desastre sobre essa atividade: “*(...) Sou profissional, tenho carteira de pesca. A*

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

gente pescava pra consumo, e comercializar também; só parei depois da lama né, meu bote está lá no seco lá, no pasto, puxei ele pro seco deixei ele lá (pausa angustiada).” (Entrevista 02 2016)

O relato revela angústia do entrevistado com o fato de não poder mais exercer a pesca, e de não poder comer o peixe. O sentimento de frustração por terem os peixes contaminados, e não poderem mais se alimentar com seu alimento tradicional, foi relatado em vários momentos, por diversos entrevistados. Chama atenção a dificuldade ainda presente nos Krenak para falarem dos impactos do desastre, devido ao sentimento de dor expressado e também percebido nas pausas, palavras e lágrimas derramadas durante as entrevistas.

A pesca no Rio Doce proporcionava aos Krenak, além da segurança alimentar e renda, o fortalecimento das relações sociais, vez que a atividade era feita, muitas vezes, também de maneira coletiva, principalmente nas noites de lua cheia, e envolvia diversos membros dos variados grupos dos Krenak. Para os *Borun*, a pesca estava diretamente relacionada com sua cultura e relações sociais, conforme foi relatado: “(...) *Se a lua fosse cheia a gente ia pescar de tarrafa, fazia fogueira, assava peixe, cantava sentado lá, conversava dormia pelo rio, hoje não dá mais. Afetou muito a cultura nossa, nosso meio de vida, afetou demais.*” (Entrevista 01 2016).

Outra atividade tradicional prejudicada, relatada pelos Krenak, foi a caça. Mesmo que a disponibilidade de animais para essa atividade não fosse mais abundante como em tempos passados, os Krenak a praticavam. Além da morte de diversos animais silvestres com a passagem da lama, eles têm percebido que alguns animais parecem estar doentes conforme expressado por um dos anciãos da aldeia: “(...) *Outro dia mesmo eu tava mostrando ao meu genro, lá na beira do rio uma capivara: não tem nem pelo, pelada a cacunda do bicho. Ali é a agua, a lama que fez isso ali.*” (Entrevista de 04 2016)

Conforme pode ser percebido nos relatos acima, existe uma grande insegurança também quanto ao consumo de peixes e animais devido à possibilidade de estarem contaminados, mostrando um impacto subjacente aos já relatados que é a insegurança e o medo que permeia a população.

Os Krenak perderam também espécies de plantas que utilizavam para fazer artesanatos e que se encontravam nas matas ciliares do rio, nos *córregos* afluentes do Rio Doce, na TI demarcada e nos *córregos* do território tradicional reivindicado dos Sete Salões. Segundo relataram, e conforme nos foi mostrado na caminhada que fizemos àquela área, uma grande variedade de sementes, cipós e outros materiais importantes para a produção de artesanatos são ali encontradas.

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

- **IMPACTOS SOBRE O PROJETO DE PECUÁRIA E OS PLANTIOS.**

O projeto de pecuária leiteira desenvolvido pelos Krenak, fruto de um acordo extrajudicial entre os indígenas e a Vale, por conta dos danos trazidos pela Hidrelétrica de Aimorés (de propriedade consorciada da Vale e Cemig), é, para muitas famílias, importante meio de renda. Mesmo que não seja uma atividade tradicional, são anos de comprometimento de vários Krenak com o desenvolvimento dessa atividade. O rio Doce era essencial para o sucesso desse projeto; a preocupação primeira dos Krenak foi com a contaminação dos animais ao ingerirem a água contaminada pelos rejeitos da lama. A solução inicial encontrada foi a construção de uma cerca ao longo dos aproximados sete quilômetros de margens do Rio, para impedir o acesso dos animais: *“(...) o gado não pode tomar a água do Rio Doce; tem esse problema, lá em baixo lá diz que cercaram a área, cercaram a margem pro gado não ir no rio, mas assim mesmo infelizmente sempre toma né, não tem como.”* (Entrevista 02 2016)

O desastre piorou ainda mais as já adversas condições para o desenvolvimento da atividade pecuária na TI Krenak. O limitado espaço territorial, a devastação da terra, e a seca somam-se às consequências da tragédia para agravar as condições para o desenvolvimento do projeto. Avaliações comparativas da produtividade de leite antes e depois do desastre precisam ser realizadas, para melhor mensurar esse impacto, com vistas a se estabelecerem medidas que garantam a continuidade da atividade.

As áreas agricultáveis às margens do rio Doce foram contaminadas pelos rejeitos da mineração, e muito embora essa não seja uma atividade principal na TI Krenak, ela é desenvolvida por algumas famílias em seus quintais, ou mesmo em roças maiores próximas ao rio. Dessa forma as cheias do Doce que antes tornavam mais férteis essas áreas, agora, com a contaminação pelos rejeitos, tendem a inviabilizar o uso do solo pelas famílias.

Somados, os impactos à pecuária leiteira, à pesca, à produção dos artesanatos, refletem um grande impacto à sustentabilidade econômica do povo Krenak, que também é impactada pela maior necessidade de aquisição de diversos produtos fora da aldeia.

- **IMPACTOS AO LAZER**

O *Uatu* era o lugar de lazer do povo Krenak. Suas águas e praias testemunharam momentos de alegria e socialização entre os *Borun* - e também com parentes indígenas de fora, como na realização dos jogos indígenas de Minas Gerais, um ano antes do desastre - o que já não é mais possível devido aos resíduos de lama depositados nas margens do rio (foto 3). As crianças, ao saírem da escola sempre iam para o rio nadar e brincar nas praias, o que também já não podem mais fazer.

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Foto 3. Margens do Uatu, depois da lama.



Fonte: Funai (2015).

O lazer - assim como a pesca, a caça e a coleta - são relacionados pelos Krenak à sua cultura, identidade e socialização. Desse modo é possível inferir que impactando os primeiros, as consequências se estendem aos segundos, ampliando as percepções dos impactos que se acumulam e se potencializam, trazendo assim mais sofrimento a esse povo.

- **IMPACTOS À CULTURA E ÀS RELAÇÕES SOCIAIS**

Para além da relação supracitada das atividades de pesca, caça e coleta, relativas à cultura Krenak, eles apresentam uma íntima relação de ordem espiritual e cosmológica com rio Doce. Caldeira (2009), informa que, para além da identificação como lugar de pesca, o rio Doce, denominado na língua krenak *Uatu*, é para esse povo um ente sagrado, elemento fundamental na composição da cosmologia nativa e da identidade étnica:

(...) para esse grupo étnico, os elementos da natureza – a montanha, a pedra, o rio, o fogo – todos possuem seus espíritos com quem os Krenak se relacionam e dialogam. Estes espíritos oferecem proteção e ensinamentos. São os Maret que orientam a vida do povo Krenak.(...) o grupo étnico tem para si o rio Doce, como um bem Krenak, pois ao sacralizá-lo em um mundo encantado e regulado por forças míticas a que somente seu povo teria acesso, ele torna inviável qualquer intervenção que não aquela regida pelo conhecimento mágico nativo. Assim, o rio Doce, possui espaço e função mítica na vida do povo Krenak. Longe das águas do Rio Doce, nos exílios, a proteção divina tornou-se frágil. (Caldeira 2009 pp.56 a 58, grifo dos autores).

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Estudos etnográficos conduzidos por antropólogos, conforme relata Barretto (2012), deram conta que a oposição entre natureza e cultura (por décadas um princípio central da antropologia) era insuficiente para explicar como povos não ocidentais expressavam suas percepções e interações com o entorno ou com o ambiente. Segundo o autor, esses povos muitas vezes atribuem disposições e condutas humanas a plantas e animais; além disso, no reino que, para o restante da sociedade, incluem-se organismos vivos, não humanos, tais povos incluem uma variedade de entes como espíritos, forças, entre outros; com atributos considerados tipicamente humanos, a saber: consciência, intencionalidade, capacidade de se comunicar. Essa é a relação dos Krenak com o *Uatu*, ente com o qual se relacionam intimamente, que sempre lhes deu força e sempre guiou esse povo, que diversas vezes retirados da sua margem, em exílios impostos, a exemplo da época da ditadura militar, sempre voltaram guiados pelo rio.

O rio Doce é lugar sagrado para os Krenak, local de morada dos *Marét*, que com o desastre deixaram de habitar o rio. Na cartilha Ithok Ererré, produzida pela associação do grupo Atorã para o ensinamento da língua nativa às crianças, os Krenak explicam sobre os *Marét*: (...) “*em um lugar muito particular habita uma numerosa geração de espíritos chamados Marét que têm a forma e o tamanho como uma pessoa comum e vivem nesse lugar em riqueza e muita abundância. Para os Marét não há doença nem morte*”.

O trecho acima demonstra a relação de confiança que a cultura Krenak estabelece com os *Marét*, e por consequência com o *Uatu*, um dos lugares de sua habitação. São os *Marét* quem provêm os recursos necessários àqueles que têm força espiritual e acreditam. Proporciona tranquilidade aos *Borun* quanto à provisão de suas necessidades. Sem esse importante ente, a cultura e a espiritualidade Krenak, elementos da identidade do povo e da sua sustentabilidade, encontram-se duramente afetadas.

Outro importante patrimônio cultural Krenak, a chamada Ilha da Resistência, foi impactada com a passagem da lama de rejeitos da Samarco. Segundo Itamar Krenak, et al (2009), no livro *Uatu Hoom*, esse lugar, permitiu que alguns indígenas ficassem escondidos, refugiados – ali formando uma aldeia – na época das diásporas a que foram impostos. Com esse refúgio, e a permanência de alguns no território, na concepção dos Krenak, os *Marét* agiram, possibilitando o retorno posterior de outros Krenak, e a reconquista da terra. Para os Krenak se não fosse a Ilha da Resistência, possivelmente tinha sido extinta a sua aldeia e sua população.

Além da importância para a memória cultural do povo Krenak, as ilhas e o rio Doce também eram lugar de socializações. A convivência permitida pelas atividades diversas na beira do rio (como as pescarias, as caçadas e os rituais em noites de lua cheia) promovia o fortalecimento das relações sociais internas, o que também foi, dessa forma, impactado. Para os Krenak, com a cultura impactada outras

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

consequências se somam afetando ainda mais o povo: “(...) *ao invés de estar cantando dançando, comendo peixe assado, agora vai pra rua, não tem mais o que fazer aqui, aí o índio vai pra rua. Vai beber, vai dançar, vai farrear na rua, talvez até mexer com outras coisas.*” (Entrevista 01 2016).

A comunidade lamenta a impossibilidade de realização dos rituais de batismo, que eram realizados no rio, inicializando as crianças na cultura Krenak, “(...) *na nossa tradição as danças, o banho que as crianças têm que tomar quando nasce, tem muita criança que nasceu depois que o rio foi poluído, ficou sem ser feito. Tem que banhar pra lavar, pra crescer, ser limpa. Agora essa cultura perden.*” (Entrevista 01 2016).

• A MORTE DO RIO DOCE-UATU, EXÍLIO KRENAK EM SEU PRÓPRIO TERRITÓRIO

Conforme já abordado, os Krenak velaram o Rio Doce quando da passagem da lama, vez que em sua visão o rio foi morto pelo desastre. Um dos maiores impactos percebidos durante a presente pesquisa foi a extensão do luto dos Krenak, passado mais de um ano da chegada da lama na TI. A falta de informação adequada sobre o desastre e seus desdobramentos acaba gerando mais frustrações, desconfiança e desesperança em meio a essa população. Na entrevista apresentada a seguir, são nítidas a angústia e insegurança dos *Borun*, agravadas pela ausência de informações adequadas: “(...) *o principal problema tem sido a falta de informação, cada um fala uma coisa com relação ao rio, que tem muito metal pesado, outros falam que não tem, e não tem uma entidade que faça um estudo detalhado sobre isso. Falam que enquanto tiver essa lama não pode pescar, não pode comer o peixe do rio.*” (Entrevista 01 2016)

O medo e a insegurança sobre os possíveis impactos que já ocorreram e que ainda poderão acontecer em decorrência do desastre, tem permeado o sentimento dos Krenak, configurando-se como impactos subjetivos provocados pelo desastre.

Outro sentimento expresso pelos Krenak é a saudade. As anciãs Krenak ao falarem do tempo em que o *Uatu* estava limpo assim expressam: “(...) *Nóis antigos já estão morrendo tudo né. Muitos estão aí doente - .mas a gente pensa muito, como diz: kraí - homem branco - não escuta! Acha que não sujou pra hoje, mas Borun morre de **saudade**.*” (Entrevista 03 2016)

A recorrência do uso do termo saudade remete aos períodos em que os Krenak estiveram exilados em outras terras longe do *Uatu*. No entanto, agora, apesar de não terem sido removidos para outro local, os Krenak relatam a saudade que sentem do Rio Doce e do tempo em que a vida Krenak era baseada nas ações e relações que envolviam esse rio. Exilados no seu próprio território, sem acesso ao seu parente, o *Uatu*, e ainda sem o direito de usufruírem do seu território tradicional dos Sete Salões, a situação dos Krenak é de exílio forçado, sem paredes físicas ou agentes da ditadura para prendê-los,

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

mas com os pés atolados e apreendidos na lama despejada pela Samarco/Vale/BHP em seu território; alguns têm a impressão, que para eles, o tempo parou com o desastre.

Os sentimentos de medo, desesperança e saudade, acompanham outro sentimento expressado pelos Krenak em diversas entrevistas: o de que agora está tudo difícil, ou de que tudo acabou, que não tem mais volta, e que a morte se aproxima: “(...) *Esse rio, acho que nunca mais vai voltar ao normal, toda vida agora ficou contaminado.*” (Entrevista 02 2016)

Ao ser questionado sobre o futuro das próximas gerações, diante dos impactos do desastre, um dos entrevistados responde:

Vai perder o apego pela preservação. A gente tem um apego, não só pelo rio, mas pelas águas, árvores, pelo meio onde a gente vive. Isso tudo vai ser desvalorizado, podem perder o vínculo com o meio onde vivem. Quando a gente está vinculado na terra, no meio onde está vivendo a gente cuida, preserva, agora quando perde esse vínculo, começa a não querer cuidar, não tem apego, o meu **medo** é esse. Que essa juventude que está começando a crescer agora não ter mais esse contato diretamente com rio, que engloba tudo, e passar a não cuidar mais do meio onde está vivendo, do nosso território. (Entrevista 01 2016)

Se o “ser” Krenak está relacionado a uma íntima relação espiritual e cultural com o *Uatu*, principalmente as novas gerações correm extremo risco e vulnerabilidade nesses aspectos. Evidencia a ideia de que o desastre pode ser classificado em uma relação de etnocídio para com os *Borun*. Com a morte do rio, para os Krenak, para além do seu sentido físico, mas na dimensão espiritual, esse povo encontra-se hoje exilado em seu próprio território, sem as referências de identidade, subjetividade e sustentabilidade necessárias à reprodução física e cultural do ser *Borun*. O desastre parece ter buscado a morte ontológica da etnia pela supressão de elementos fundamentais para a constituição do ser Krenak, do ser *Borun do Uatu*.

AÇÕES PARA SUPERAR O DESASTRE, PROJETOS DE FUTURO. OS KRENAK RESISTEM

Segundo Burg (2014), o legado indígena para o enriquecimento e conservação da biodiversidade tem sido sistematicamente comprovado. No entanto, a recíproca não tem sido verdadeira: são inúmeros os impactos negativos que o crescimento econômico, pautado no modelo de desenvolvimento vigente, tem causado às Terras Indígenas do país. Com relação à gestão das águas tem-se observado mudanças radicais na ictiofauna vinculado à instalação de hidrelétricas; comprometimentos sérios da qualidade da água em decorrência de empreendimentos situados a montante de rios (como a barragem de Fundão); diminuição da quantidade de água que abastece territórios indígenas devido à alta degradação ambiental e das nascentes em seu entorno. Desse modo, os impactos históricos ao modo de vida dos povos indígenas são diversos: perda de autonomia alimentar, perda de tradições vinculadas à pesca/águas, intoxicação em função de agrotóxicos drenados

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

para os rios e mesmo práticas sociais simples, tal como brincar no rio, ficam reduzidas ou inviáveis em locais degradados. Esse relato é coincidente com as consequências do desastre da Samarco/Vale/BHP, percebidas pelos Krenak, conforme já relatado. O autor chama atenção para a necessidade de escuta e possibilidade de cooperação dos povos indígenas e para a necessidade de sua participação na gestão das águas nas bacias hidrográficas.

Mesmo com todo esse cenário de impactos, os Krenak apontam possíveis soluções para superarem a tragédia do rompimento da barragem. Diversas articulações com outras instituições de atingidos, universidades, pesquisadores nacionais e internacionais, buscando soluções diante dessa tragédia, tem sido feitas pelo povo *Borum*. Ainda que abalados com tudo o que lhes aconteceu, os Krenak têm agido em prol da busca pela sustentabilidade da sua existência e de uma melhor forma de gestão das águas na Bacia do Rio Doce. Durante a pesquisa apontaram possíveis soluções para os problemas que vêm enfrentando com os impactos do desastre. Com relação à questão da água e dos peixes, por exemplo, algumas sugestões foram apontadas pelos entrevistados:

Vamos ter que pensar nessa questão de produção de água, a gente vai ter que produzir água, e hoje existem projetos de incentivo pra quem produz água. De que forma a gente traz isso pra dentro da aldeia? Aqui, a gente tem nascente aqui dentro que precisa recuperar. E a gente tem como produzir barraginhas aqui dentro, então tem como a gente produzir água aqui dentro (Entrevista 05 2016)

(...) eu fiz essa represa aí, eu vou por peixe nela, vamo ver se a gente vai ter peixe aí daqui uns dias pra comer, que a gente não pode ir no rio. (Entrevista 02 2016)

A cultura Krenak, impactada pelo desastre, é um elemento de constituição do próprio povo Krenak. Alguns entrevistados destacaram a importância de ações que protejam e promovam a sua cultura possibilitando que os jovens também dela usufruam e que por meio dela fortaleçam sua identidade *Borum* e orgulho de ser quem são. Os diálogos intergeracionais para transmissão da língua, do conhecimento, e da cultura são apontados como possíveis medidas para o plano de futuro dos Krenak, conforme relatado abaixo:

(...) Esses meninos novos, não passaram o que os mais velhos passaram, e então temos que repassar pra eles, o que realmente eles têm que fazer, enquanto esses índios mais velhos tá vivo, que os mais velhos daqui uns dias vai embora. Primeiramente, os jovens tem que estar firme na cultura, eles tem que estar firmes na origem, ninguém aqui pode ter vergonha de falar que é índio, de praticar a cultura, então pra continuidade, tem que ser firme na religiosidade e na cultura, e mostrar a nação quem ele é. (Entrevista 04 2016)

A segurança alimentar também é um fator importante que aponta para um caminho de vida mais sustentável e com mais qualidade, e é motivo de perspectiva de futuro. Segundo entrevista: “(...) se tivesse um trabalho intensivo com relação a segurança alimentar, de horta, ou ervas medicinais, então muita coisa que eu poderia tá comendo aqui eu evitaria de comprar lá fora.” (Entrevista 05 2016)

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Uma das anciãs entrevistadas aponta que a solução para segurança alimentar pode estar nos Sete Salões: “(...) *A caratinga tem a casquina dela que parece o maxixe cheio de espinhozinho só que é branca. Lá no Sete Salão tem dela, tem córrego, tem lambarizinho, bagrinho, remédio, os peixes, e também a caratinga.*” (Entrevista 06 2016)

A demarcação do território tradicional dos Sete Salões é um dos projetos de futuro que mais trazem esperanças para os Krenak. Tido como fundamental para sua sustentabilidade a perspectiva é planejarem a gestão do território para que possam ter a mata, para praticarem a sua cultura, estarem próximos dos *Marét* que habitam as cavernas, retomarem sua saúde, conforme relata uma das anciãs Krenak “(...) *A gente vai conservar o Sete Salões, vigiar, porque tem a mata. Tem que proteger, fazer cabana, cultura sagrada, e lá já tem, que é a caverna, lá nessa época que tá chovendo vai ter muitas flores e muito remédio, até pra dor de dente também.*” (Entrevista 06 2016)

O tema da demarcação dos Sete Salões como pôde ser observado, perpassa por todas as dimensões da vida e da Sustentabilidade Krenak, desde a questão ambiental, cultural, espiritual, do convívio social, da economia, segurança alimentar, saúde, entre outras. Sendo uma medida de vital importância de ser equacionada para os Krenak continuarem se reproduzindo física e culturalmente. O Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID) - primeira fase do processo de regularização fundiária de terra indígena - está sendo elaborado pela Funai e precisa ser concluído e publicado para dar segurança aos Krenak.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a questão principal do artigo, pode-se destacar a amplitude dos impactos provocados pelo desastre da Samarco/Vale/BHP, sobre a as águas da bacia do rio Doce e sobre a sustentabilidade da terra e do povo Krenak.

Os Krenak têm sofrido os impactos físicos da passagem da lama como a falta de água, a dificuldade para tocar seus projetos, as perdas ambientais da fauna e da flora na aldeia o que reflete diretamente em sua segurança alimentar e na sua saúde. De toda sorte, os impactos sociais, espirituais e psicológicos tem se colocado como um maior desafio a ser vivido pelos Krenak, que tinham nas águas do Rio Doce sua referência de ancestralidade, subjetividade, espiritualidade e sustentabilidade.

Na gestão de conflitos entre a Vale/Samarco/BHP, o governo e os povos indígenas, promover a recuperação da Bacia do Rio Doce, e do povo Krenak é obrigação da Samarco/Vale/BHP, responsável pelo desastre que afetou tão gravemente toda essa bacia hidrográfica e sua população. Especialmente em relação aos Krenak, só é possível falar em compensação e recuperação na medida

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

em que se respeitem as visões e se dialogue com a população sobre como tem percebido os impactos e como planejam o futuro, o que irá requerer tempo, tendo em vista que o povo ainda encontra-se extremamente abalado com todos os danos da tragédia. Uma das medidas já identificadas e urgentes a ser tomadas é a demarcação do Território dos Salões e a garantia de usufruto aos Krenak, para que tenham o direito constitucional que lhes é garantido efetivado e poderem se reorganizar diante dessa grande tragédia, e assim continuarem participando e contribuindo com a gestão das águas do *Uatu*, do Rio Doce.

REFERENCIAS

Barretto FHT 2012. Natureza. In ACS LIMA, *Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos*. Contra Capa / LACED / ABA. Rio de Janeiro/Brasília. p.103-109.

Burg R 2014. Povos indígenas na gestão das águas: diálogos para a cooperação. In *Água e Cooperação: reflexões, experiências e alianças em favor da vida*. Brasília. p. 213-222.

Caldeira V 2009. História de Botocudo: o povo Krenak na região do Vale do Rio Doce. In MA Rezende (Org.). *Era tudo mata: o processo de colonização do Médio Rio Doce e a formação dos municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor*. Belo Horizonte, MG: Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés, p. 42-61.

Força-tarefa/MG 2016, *Avaliação dos efeitos e desdobramentos do rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG. Decreto nº 46.892/2015*. Secretaria de Estado e Desenvolvimento Regional, Política Urbana e Gestão Metropolitana - Governo de Minas Gerais, Belo Horizonte. Relatório. 289pp.

Freitas CM, Silva MA, Menezes FC 2016. O desastre na barragem de mineração da Samarco: fratura exposta dos limites do Brasil na redução de risco de desastres. *Ciência e Cultura*. 68(3):25-30.

Funai Facebook Oficial 2015. Available from: <https://www.facebook.com/Funaioficial/photos/pcb.528761573953186/528760403953303/?type=3>. Acesso em 25/01/2017.

G1- Globo Minas 2017. Available from: <http://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/2016/06/pf-conclui-inquerito-da-tragedia-de-mariana-e-indicia-8-pessoas.html>. Acesso em 25/01/2017.

IBAMA 2015. *Informes Rompimento da Barragem de Fundão*. Available from: <http://www.ibama.gov.br/informes/rompimento-da-barragem-de-fundao> acesso em 02/02/2017.

IBAMA 2015. Laudo Técnico Preliminar. *Impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais*. 38pp.

ICMBio 2016. *Nota técnica nº 12/2016*. Centro Tamar/Díbio/ICMBio.

Krenak D et al 199?. *Aprendendo a língua Krenak- Itbok Ererré*. Associação Indígena Atorã. Cartilha. 63pp.

Krenak ISF et al 2009. *Uatu Hoom*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Cipó Voador, 83pp.

Thiago Henrique Fiorott; Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

PoEMAS 2015. *Antes fosse mais leve a carga: avaliação dos aspectos econômicos, políticos e sociais do desastre da Samarco/Vale/BHP em Mariana (MG)*. Mimeo.

Valencio N 2016. Elementos constitutivos de um desastre catastrófico: os problemas científicos por detrás dos contextos críticos. *Ciência e Cultura*. 68 (3): 41-45.

Wanderley LJ et al 2016. Desastre da Samarco/Vale/BHP no Vale do Rio Doce: Aspectos Econômicos, Políticos e Socioambientais. *Ciência e Cultura*. 68 (3): 30-35.

Zhoury A et al 2016. O desastre da Samarco e a política de afetações: Classificações e ações que produzem sofrimento social. *Ciência e Cultura*. 68 (3): 36-40.

The Tragedy of the Krenak People for the Death of the Doce / Uatu River, in the Disaster Of Samarco / Vale / BHP, Brazil

ABSTRACT:

In 2015, Brazil witnessed the biggest environmental disaster of its history - the rupture of the Samarco / Vale / BHP mining dam in Mariana-MG. The impacts of this tragedy have brought environmental, social, and economic damages, among others. One of the most exploited peoples was the Krenak - whose lands are located on the banks of the river, which they call *Uatu* (Rio Grande / Rio Doce). The objective of the article is to describe the impacts of the disaster on the sustainability of the Krenak people. It was a qualitative research, case study, which used primary and secondary data. The results demonstrate the death of fish, and other animals, important for a traditional Krenak food safety. As families were left without drinking water, that made impossible social activities, education, health, culture, religion, economy and leisure. In the view of the Krenak people, the major consequence was the death of *Uatu*, subtracting an important element of their identity, territoriality and sustainability.

Keywords: Disaster of Samarco / Vale / BHP; Doce-*Uatu* River; Sustainability; Krenak.

Submissão: 30/04/2017
Aceite: 08/08/2017